

A Segunda Guerra Mundial, 60 anos depois: a representação do passado como atualidade no jornalismo¹

Marcos Paulo da Silva²

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo

Este texto consiste em uma exploração teórico-conceitual das relações entre o fato jornalístico e o fato histórico, tomando como pano de fundo a cobertura realizada pela imprensa nas comemorações dos 60 anos do final da Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, busca-se uma reflexão sobre a maneira pela qual o passado pode ser representado como atualidade na pauta do jornalismo.

Palavras-chave

Jornalismo; fato jornalístico; fato histórico; atualidade; Segunda Guerra Mundial

“A primeira vítima, quando começa a guerra, é a verdade”. A frase proferida em 1917 pelo senador norte-americano Hiram Johnson, que virou título do clássico livro “A primeira vítima” (The First Casualty), escrito em 1978 pelo jornalista Phillip Knightley, sobre os correspondentes de guerra, revela em suas entrelinhas um assunto bastante pertinente no estudo do jornalismo: a representação de uma guerra pela mídia.

A mesma expressão criada por Johnson e adaptada por Knightley foi utilizada pelo jornalista Ricardo Bonalume Neto (1995), em seu estudo sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), para expor a complexidade da cobertura jornalística de um conflito bélico. Complexidade, esta, que não se limita ao tempo do acontecimento – no caso em questão, ao período da guerra –, mas percorre o debate no plano teórico sobre as relações entre o fato histórico e fato jornalístico.

Passadas seis décadas da derrocada da Segunda Guerra Mundial na Europa, o assunto volta à tona na imprensa mundial. O retorno do fato histórico às páginas dos jornais sob o enfoque do aniversário de 60 anos do conflito torna a discussão oportuna e coloca em

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Graduado em Jornalismo e aluno do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Comunicação Midiática da UNESP, campus de Bauru. (E-mail: silva_mp@uol.com.br)

jogo duas questões de fundo que devem ser debatidas. A Segunda Guerra Mundial ainda é um assunto atual? Como fato jornalístico, o conflito recebeu o tratamento de fato histórico?

Este texto propõe uma reflexão sobre tais questionamentos. Partindo de uma discussão teórico-conceitual sobre as relações entre o fato para o Jornalismo e o fato para a História, discute-se o papel do passado como atualidade na mídia. Como já observado, o texto – que integra uma pesquisa mais ampla sob o viés da comunicação – traz como elemento concreto de análise a incidência de matérias sobre a Segunda Guerra Mundial na imprensa atual.

Seis décadas depois: fato histórico ou fato jornalístico?

Para lidar com a discussão sobre a natureza do fato jornalístico, um primeiro passo consiste na reflexão sobre o conceito de fato histórico. Em seu estudo sobre o assunto, Adam Schaff (1982) visita vários autores para responder uma questão chave: o que é um fato histórico? Carl Becker, citado por Schaff, chama a atenção para a natureza simbólica dos fatos históricos, definindo quatro generalizações: a) o fato histórico é uma asserção relativa a um acontecimento; b) isto é assim porque o historiador só lida diretamente com uma asserção, uma vez que o acontecimento já desapareceu; c) portanto, é o fato que permite evocar no espírito a imagem do acontecimento; d) por consequência, é um erro dizer dos fatos históricos que eles são “duros”, verdadeiros ou falsos; tomando em consideração que falamos de símbolos, não podemos qualificar estes senão em função da sua adequação, da sua correspondência (Becker, 1932 apud Schaff, 1982, p.218-219).

Apesar da contribuição de Becker, é, porém, o próprio Schaff que propõe uma maneira mais concreta para o entendimento do conceito. Para o autor, os historiadores necessitam de um quadro de referência para discernir os acontecimentos importantes na massa dos acontecimentos historicamente indiferentes.

Nesta situação, quando falamos de um fato histórico, trata-se sem dúvida de um acontecimento objetivo particularmente qualificado, na medida em que, por causa da incidência sobre outros acontecimentos e, conseqüentemente, sobre o curso da história, reconhecemos a sua importância que o qualifica como fato histórico, ou seja, como fato do qual se ocupa a ciência da história (SCHAFF, 1983, p.233).

Neste sentido, parece bastante oportuno adotar o pressuposto de que a Segunda Guerra Mundial foi um representativo fato histórico ou uma representativa compilação de diferentes fatos históricos, incidindo sobre a conjuntura geopolítica, cultural e econômica do mundo. A Nova História Francesa, sobretudo os pensadores da *École des Annales* (revista fundada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre), de certa forma rejeita a história constituída de tratados e batalhas, defendendo a história do não-factual, a história das localidades, das mentalidades, dos sentimentos e dos costumes, por exemplo.

Mas, mesmo se não considerados somente os grandes tratados e batalhas historicamente conhecidos, a Segunda Guerra Mundial permanece ocupando um espaço de grande representatividade na trajetória do século 20. Quando na noite de 8 de maio de 1945 (na Rússia o final da guerra é comemorado no dia 9 de maio) os canhões se calaram com a rendição do alto comando da Wehrmacht alemã, a cultura, a economia, a geopolítica e, (por que não?) os sentimentos do planeta passaram a ser repensados. Ainda é impossível, passados 60 anos, estimar o volume de perdas econômicas causadas com o conflito. Quanto à perda de vidas humanas, apesar da imprecisão, estima-se que mais de 50 milhões de pessoas, fardadas ou não, tenham perdido a vida na guerra: uma média de 8,3 milhões de mortes por ano de conflito. Somente o número de mortos, por si só, portanto, já coloca a Segunda Guerra Mundial como um dos mais relevantes fatos históricos da história mundial.

Mas, seis décadas depois, quando novamente se abrem as cortinas para mais um capítulo da Segunda Guerra Mundial, comemorando mais uma década de um mundo diferente após a queda do nazismo, como se dá a relação entre fato jornalístico e o fato histórico?

Para tal resposta torna-se necessária a busca de algumas idéias sobre a atividade jornalística e sua relação com os fatos. Neste sentido, para dar conta do modo como o jornalismo percebe e categoriza os fatos da atualidade, Margarethe Born Steinberger (2004) propõe o conceito de cognição jornalística. “Trata-se de um conjunto de estratégias de processamento da informação baseadas numa espécie de percepção jornalística contratualizada socialmente” (Steinberger, 2004, p.3). Defende a autora que há um modo jornalístico de perceber o mundo, a partir do qual os fatos (jornalísticos) são percebidos, recortados e construídos.

O espaço e o tempo que o jornalista concede a um assunto pode exercer influência sobre o espaço que o público também dará ao assunto em sua vida, em suas conversas. Acontecimentos que só são tratados em notas, por exemplo, tenderão a ser considerados também pelo leitor como de pouca importância. Não há, contudo, uma relação determinista entre as representações da mídia e as representações sociais: há um contrato de percepção (STEINBERGER, 2004, p.4).

Pois bem, compreendendo o jornalismo também por um viés cognitivo, conforme propõe Steinberger, torna-se necessária uma outra reflexão. Por criar um modo jornalístico de perceber o mundo nas pessoas (entenda-se leitores), a atividade jornalística deve ser encarada com ainda mais importância e responsabilidade. Prosseguindo na mesma reflexão, reforça-se aqui o pressuposto de que o paradigma da imparcialidade no jornalismo, sustentado por muito tempo pelos manuais de redação, está superado.

Na relação entre a atividade jornalística e os fatos, o entendimento vai além. Para Carlos Alberto Adi Vieira (1985), o fato é para o jornalista uma espécie de matéria-prima a ser lapidada e transformada obedecendo um critério editorial e de preferência do público leitor. Como consequência desta dinâmica, o acontecimento é reduzido a somente uma de suas múltiplas significações.

O acontecimento para o jornalista, para o historiador, para o sociólogo, ou para qualquer sujeito que conhece, é sempre novo, sempre “explosivo”. As classificações hoje existentes nos jornais, que identificam um fato como banal e outro como importante, um como simples e outro como complexo, é puramente artificial. A ‘hierarquia’ de acontecimentos nas páginas dos jornais é mais um jogo de interesse do jornalista do que da própria natureza do fato. O que o jornalista faz ao proceder a seleção arbitrária do fato é retirá-lo das relações sociais das quais emergiu e do seu lugar no encadeamento histórico (VIEIRA, 1985, p.35).

Já na década de 1980, Vieira questionava o valor do fato jornalístico como fato histórico. Uma de suas referências, recuperada aqui para o entendimento de tal dinâmica, é a válida contribuição dada ainda na década de 1970 por Pierre Nora sobre o impacto dos *mass media* na produção acontecimento. “É aos *mass media* que se deve o reaparecimento do monopólio da história. De agora em diante esse monopólio lhes pertence. Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar” (Nora, 1995, p.181). Para Nora, a mídia age

quase como condição para o acontecimento. Para que aja o acontecimento é necessário que o mesmo seja conhecido. Portanto, o acontecimento que antes cabia ao historiador, com o aparecimento dos *mass media* ganha a força de um dado, antes de sua elaboração e antes do trabalho do tempo (Nora, 1995).

Neste sentido, há duas décadas Vieira (1985) já fazia um alerta: o tratamento da notícia efetuado pelo jornalismo brasileiro considera o fato, o acontecimento, na sua singularidade, conseqüentemente sem qualquer relação com o conjunto social que determina seu aparecimento. Reflexão, esta, ainda atual e válida como problemática para os estudos da comunicação.

A Segunda Guerra como atualidade para o jornalismo

Continuando tal raciocínio, pode-se afirmar que a Segunda Guerra Mundial ainda é um assunto atual? Para o entendimento do conceito de atualidade no jornalismo, uma referência pertinente é o quadro de fundamentação apresentado pelo teórico alemão Otto Groth. Tratando o jornalismo como mais uma ciência no grande corpo das ciências humanas, o teórico sublinhou quatro características fundamentais aos periódicos. A *atualidade* diz respeito à relação dos fatos com o tempo presente. A *periodicidade* se refere à repetição regular no tempo das diferentes edições de um periódico. A *universalidade* trata da abordagem dos mais diferentes campos do conhecimento humano efetuada por um veículo. E, por fim, a *difusão coletiva* diz respeito à circulação dos periódicos por diversificadas camadas sociais distribuídas cultural, econômica e geograficamente de modo heterogêneo (BUENO, 1972).

As quatro características propostas por Otto Groth – atualidade, periodicidade, universalidade e difusão coletiva – auxiliam a compreender com maior precisão o papel do jornalismo convencional: informar com atualidade e periodicidade temas universais para um público heterogêneo. Mas, o quadro de pressupostos proposto por Groth, somente por si, sobretudo pelo conceito de atualidade, já colocaria em xeque a recuperação que o jornalismo faz da Segunda Guerra Mundial nos dias atuais. No entanto, conforme alerta Edvaldo Pereira Lima em sua conceituação acerca do livro-reportagem, a *atualidade* de Groth deve ser compreendida sob um olhar mais abrangente.

Entende Lima que “a notícia deve corresponder ao acontecimento real que seja de interesse a pelo menos um grupo importante dentre os segmentos de receptores de uma dada mensagem jornalística” (LIMA, 1993, p. 23). A *atualidade* “passa a significar a ocorrência que muitas vezes não é rigorosamente atual, mas ganha essa condição seja por um novo fato que ‘desperta’ o interesse público para uma ocorrência antiga, seja por um artifício que a traga para o presente” (LIMA, 1993, p. 23).

Lima se vale de um argumento bastante interessante no entendimento do conceito de atualidade. O novo olhar proposto pelo autor para o conceito de atualidade de Groth é apropriado e representativo para os estudos da comunicação. E realmente parece ser essa a preocupação da imprensa ao estampar na entrada do século 21 notícias referentes à Segunda Guerra Mundial. As notícias, via de regra, vêm ornamentadas por fatos novos cunhados na mobilização armada para lembrar não somente os 60 anos do conflito, mas também os reflexos causados pelo holocausto na Alemanha nazista. Entretanto, especificamente na abordagem que a imprensa atual faz da Segunda Guerra Mundial, desta vez pelo aniversário de 60 anos como “artifício que a traga para o presente”, desenvolve-se uma outra problemática. O equívoco está na apropriação que a imprensa faz de fatos episódicos, pontuais, para tratá-los de maneira desconexa da conjuntura histórica e do fato histórico que os geraram.

Para o desenvolvimento desta reflexão, foram analisados os textos da cobertura jornalística do jornal Folha de São Paulo, em seu caderno Folha Mundo, entre os dias 2 e 12 de maio de 2005, período que antecedeu e marcou as comemorações dos 60 anos do final da Segunda Guerra Mundial. Os textos foram separados, resumidos e elencados em um quadro sinóptico³ de acordo com a data de veiculação. A análise, apesar de não pretender uma resposta fechada, pode ser encarada como uma contribuição para a reflexão sobre as perguntas propostas no início deste texto.

A notícia na relação entre o fato histórico e fato jornalístico

Percebe-se pela análise do jornal Folha de São Paulo entre os dias 2 e 12 de maio de 2005, que o fato jornalístico – ao mesmo tempo também um fato histórico, como todos os

³ Por opção metodológica, o quadro sinóptico não foi inserido no presente texto, mas seu conteúdo foi utilizado na análise.

acontecimentos sociais com incidência sobre outros acontecimentos e, conseqüentemente, sobre o curso da história – recebeu um tratamento de relação longínqua com a atual conjuntura geopolítica e econômica do mundo. Em 10 dias de cobertura jornalística, fica evidente que o fato jornalístico não foi respeitado e tratado como fato histórico.

No próprio manual de redação da Folha de São Paulo, a definição do conceito de fato parece inibir a ação de uma cobertura jornalística mais interpretativa. Os fatos, definidos pelo manual na seção “Política editorial”, “são a matéria-prima de qualquer tipo de jornalismo. É mais valioso revelá-los do que relatar declarações a respeito deles” (Folha de São Paulo, 1987, p.30). Já a definição de notícia aparece em duas seções do manual. Na seção “Vocabulário jornalístico”, notícia é o “puro registro dos fatos importantes que merecem estar no jornal. Sem comentários, juízos de valor ou interpretação” (Folha de São Paulo, 1987, p.156). Na seção “Política editorial”, apesar de dedicar um pouco mais de espaço para definir o termo, a idéia de notícia é semelhante:

É a informação que se reveste de interesse jornalístico; puro registro dos fatos, sem comentário nem interpretação. A exatidão é seu elemento chave. Mas vários fatos, descritos com exatidão, podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir uma informação ou inseri-la pode alterar o significado da notícia. O jornalista da Folha não deve usar esses expedientes. A definição do interesse jornalístico depende de critérios flexíveis que variam em função do tempo, lugar, tipo de publicação, etc (FOLHA DE SÃO PAULO, 1987, p.33).

As próprias definições do Manual Geral de Redação da Folha de São Paulo já transmitem a intenção do jornal de não incentivar o jornalismo interpretativo. Esta intenção é verificada na cobertura efetuada pelo veículo das comemorações de 60 anos do final da Segunda Guerra Mundial. Apenas três textos, todos veiculados no mesmo dia (domingo, dia 8 de maio de 2005), apresentaram uma preocupação interpretativa e de contextualização, respeitando o fato histórico em questão. É evidente que tais textos, que no conjunto da cobertura jornalística figuraram como exceções (10,3%), devem ser destacados e valorizados.

O primeiro dos três textos, assinado pelo jornal europeu Independent, vem intitulado de “Feridas da 2ª Guerra continuam abertas”. Trata-se de uma matéria interpretativa que

aborda o mal estar gerado nos americanos, russos e britânicos pelas manifestações comemorativas aos 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, contextualizando os reflexos do conflito com a atual geopolítica mundial. O segundo texto, não menos importante, tem como chamada “Segunda Guerra é origem de conflitos atuais” e recebe assinatura do jornalista brasileiro Ricardo Bonalume Neto, profissional que durante sua carreira demonstrou com publicações sua preocupação em estudar a Segunda Guerra Mundial. O texto de Bonalume consiste em uma matéria interpretativa que faz elos entre a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e o rol de conflitos do mundo atual. A matéria ainda traz um infográfico que ilustra o avanço nazista e a resposta dos aliados durante o conflito, um infográfico que traz o número de mortos dos países envolvidos nas batalhas e uma cronologia da guerra. Por fim, um *box* também veiculado no mesmo dia, chamado por “Batalha de Moscou é símbolo de resistência”, também pode ser colocado neste grupo de textos por visar um relato sobre a conjuntura histórica, propiciando um elo entre o presente (dia 8 de maio de 2005) e a batalha de Moscou, travada em 1941 e pouco conhecida no ocidente.

As demais inserções sobre o assunto no jornal – uma somatória de 29 textos, entre matérias, notas e fotos-legenda – abordaram as comemorações dos 60 anos da Segunda Guerra Mundial de maneira episódica, a partir de acontecimentos pontuais e sem ligação com a atual conjuntura geopolítica e econômica do mundo. Como exemplos desta cobertura episódica, podem ser citadas as matérias que tratam da viagem de George W. Bush à Europa para participar das comemorações sobre o final da guerra e a festa diplomática preparada pelo presidente russo Vladimir Putin, que reuniu mais de 50 líderes estrangeiros em Moscou. Repete-se: todos esses acontecimentos foram tratados de maneira desconexa da conjuntura histórica que lhe propiciaram.

Como exemplo mais concreto, pode ser citada a matéria “Cúpula Bush-Putin expõe dilemas”, veiculada no dia 7 de maio de 2005. Embora as críticas americanas ao regime do presidente russo, Vladimir Putin, tenham-se tornado mais duras desde o início do segundo mandato do presidente George W. Bush, a matéria antecipa que ambos tentarão passar uma imagem de relativa harmonia no encontro que integrará as comemorações sobre o final da Segunda Guerra, em Moscou. Outro exemplo significativo é a matéria “Europa celebra 60 anos da derrota nazista”, veiculada no dia 9 de maio de 2005. A matéria aborda as

manifestações realizadas na Europa em comemoração aos 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial. São citadas as participações de representantes dos Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Alemanha e França nas comemorações. Há outros exemplos mais pontuais, também de cobertura superficial e episódica: “Veterano russo foi salvo por bala perdida” (dia 9 de maio), “Berlim, afinal, abre memorial do Holocausto” (dia 11 de maio), “Aniversário de libertação de Dachau é celebrado” (dia 2 de maio) e “Enfermeira de Hitler narra as horas finais” (dia 3 de maio). Não se pode também descartar desta análise a inserção das fotos-legenda, recurso muitas vezes utilizado pelo jornal, que refletem ainda mais o tratamento do assunto em sua singularidade e superficialidade.

O que se percebe na cobertura jornalística nos dez dias que marcaram as comemorações dos 60 anos da derrota nazista, salvo as exceções já citadas neste texto, é que não houve a preocupação de um trabalho de fundamentação desenvolvido pelo departamento de pesquisa do jornal. Foram raros também os comentários substanciais que pudessem levar o leitor a compreender a teia de problemáticas que a Segunda Guerra Mundial provocou e ainda provoca no mundo atual, a relação do conflito com a geopolítica do planeta e a incidência dos reflexos da guerra nos conflitos e políticas de estado de hoje. As comemorações dos 60 anos do final da Segunda Guerra foram tratadas em sua singularidade e com relação escassa com o conjunto social que determina seu aparecimento. Esta dinâmica, conforme alerta Vieira (1985), degrada a História e impede que o público leitor tenha consciência de seu próprio destino. Portanto, em resposta às questões levantadas no início deste texto, entende-se que a Segunda Guerra Mundial pode sim ser tratada como um assunto atual, sobretudo se tomado como referência o novo olhar sobre o conceito de atualidade proposto por Lima (1993). Mas compreende-se ainda que o fato jornalístico, especificamente no caso em questão, não respeitou a natureza do fato histórico.

Referências bibliográficas

BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

BUENO, Wilson da Costa. **O jornalismo como disciplina científica**: a contribuição de Otto Groth. São Paulo: ECA/USP, 1972.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual Geral da Redação**. São Paulo, 1987.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. Campinas, SP: Unicamp, 1993.

SCHAFF, A. **História e verdade**. Tradução de Maria Paula Duarte. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Cognição jornalística e história dos acontecimentos**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), sessão temática de Jornalismo do VII Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação e da Informação. Porto Alegre, 2004.

VIEIRA, Carlos Alberto Adi. **O fato jornalístico como fato histórico**. Tese de mestrado apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.